

Modapalavra E-periódico

Educação e Moda: Uniformes de Enfermagem na Segunda Guerra Mundial

Ivana Guilherme Simili

Doutora em História
Professora da Universidade Estadual de Maringá
ivanasimili@ig.com.br

Priscila Camacho

Graduada em Moda
Universidade Estadual de Maringá, Campus Cianorte

Pollyanna Ponte

Graduada em Moda
Universidade Estadual de Maringá, Campus Cianorte

Resumo

As enfermeiras que participaram da Segunda Guerra Mundial escreveram um importante capítulo para a história das mulheres e da enfermagem. Este texto tem por objetivo abordar essa história na perspectiva da educação e da moda. Por intermédio dos relatos e das fotografias existentes na bibliografia e nos acervos da imprensa, construímos uma trajetória para a enfermagem sob a ótica dos uniformes. Na análise, relacionamos os estilos às etapas do percurso das enfermeiras, determinando os valores, as noções, os comportamentos transmitidos por seus intermédios. Deste modo, criamos um guarda-roupa histórico, com as principais tendências de uniformes nos anos de Guerra.

Palavras-chave: uniformes, moda, enfermeiras.

EDUCATION AND FASHION: UNIFORMS OF NURSING IN THE SECOND WAR WORLD

Abstract

Nurses who participated in the Second World War wrote an important chapter to the history of women and nursing. This paper aims to address this story from the perspective of education and fashion. Through the stories and photographs available in the literature and in the collections of the press, we built a career in nursing from the viewpoint of uniform. In the analysis, the styles relate to the steps of the route of the nurses, determining the values, concepts, behaviors transmitted by their intermediates. Thus, we created a historical wardrobe, with the main styles of uniforms in the years of war.

Keywords: uniforms, fashion, nurses.

1. Introdução

Os estudos sobre a participação da mulher na Segunda Guerra Mundial têm evidenciado que uma das formas de inserção e participação feminina ocorreu por meio da enfermagem. Segundo Roney Cytrynowicz (2000, p. 99-120), um dos alvos da mobilização desencadeada pelo governo Vargas a partir de agosto de 1942, quando houve o ingresso do país no conflito mundial, foram as mulheres. Foi nesse contexto que a enfermagem tornou-se um dos instrumentos para o envolvimento feminino no conflito mundial. Neste sentido, algumas medidas emergenciais foram adotadas para arregimentar e fornecer cursos preparatórios para a formação de enfermeiras de guerra. Entre 1942 e 1943, intensificam-se os cursos de enfermagem. Em 1942, havia 222 alunas matriculadas na escola Anna Nery fazendo o “curso de guerra” e, no mesmo ano, a Cruz Vermelha Brasileira ofereceu 44 cursos de enfermagem, que formaram cerca de 2.500 enfermeiras. A Legião Brasileira de Assistência também contribuiu com a formação de enfermeiras, criando o curso de samaritanas socorristas (SIMILI, 2008).

Em 1944, quando acontece a partida dos soldados para o *front*, 73 enfermeiras seguiram para a Itália, acompanhando a Força Expedicionária Brasileira (FEB) e a Força Aérea Brasileira (FAB).

A trajetória das enfermeiras na Guerra, que envolve o processo de mobilização, de preparação delas no Brasil, bem como o trabalho no *front* compôs um guarda-roupa, constituído por vários tipos e estilos de uniformes.

As tendências atuais nos estudos sobre educação, sob o enfoque cultural, defendem a idéia de que somos modelados pela escola e pelas diferentes instâncias sociais e pedagógicas acerca de como devemos ser, comportar, agir e vestir (ANDRADE, 2003).

Kathia Castilho (2004) postula que a moda é uma linguagem modeladora do corpo humano. Por intermédio da apropriação do corpo biológico do sujeito, a moda promove as consequentes transformações que, ao serem operadas, agregam novos sentidos a esse corpo.

Essas concepções permitiram analisar os uniformes das enfermeiras como vetores da educação e da moda que comunicam os sentidos e os valores de que foram revestidos os corpos das enfermeiras, visando a transformá-las em enfermeiras de guerra.

Modapalavra E-periódico

2. Os caminhos da pesquisa

Para o estudo dos uniformes das enfermeiras na Guerra, a bibliografia existente sobre enfermeiras e a enfermagem no Brasil, bem como as fotografias disponibilizadas nos trabalhos, foram nossas fontes de consulta.

Os trabalhos de Olympia de Araújo Camerino (1983), *A Mulher na Segunda Guerra Mundial* e o de Margarida Bernardes, Gertrudes Teixeira e Tânia Cristina Santos (2005), *O cotidiano das enfermeiras do exército na força expedicionária brasileira (FEB) no teatro de operações da 2ª Guerra Mundial, na Itália (1942-1945)*, o levantamento realizado por Ivana Guilherme Simili (2008) sobre as samaritanas socorristas formadas pela Legião Brasileira de Assistência forneceram a documentação analisada – os depoimentos e as imagens fotográficas.

Conforme Roland Barthes (1988, p.32), “uma fotografia não é uma cópia do real, mas uma emanção do real passado”. As narrativas encontradas nos estudos usados nesta pesquisa lançaram luz sobre o passado vivenciado pelas mulheres, como enfermeiras da guerra.

No exame das fotografias, para a captação e compreensão dos significados dos uniformes como peça de vestuário e seu simbolismo, os subsídios teórico-metodológicos foram encontrados nos estudos sobre moda que abordam questões relacionadas a esse tipo de indumentária. Neste sentido, destacamos o trabalho de Alison Lurie (1997), que no livro *A linguagem das roupas* tece reflexões acerca dos sentidos que o uso dos uniformes imprime aos sujeitos e também aborda as cores e seus códigos de comunicação.

As reflexões de Jeniffer Craik (2003) foram fundamentais à pesquisa. De acordo com a autora, os uniformes constituem-se em manifestação comunicativa importante acerca da uniformização de condutas, dos comportamentos, das atitudes e dos valores. Apoiando-nos nessa reflexão, buscamos localizar nos uniformes os comportamentos, as atitudes e os valores que orientaram a formação das enfermeiras, padronizando condutas para o atendimento dos soldados no *front*.

3. A mobilização das enfermeiras: algumas considerações

A compreensão deste item da indumentária da enfermagem, os uniformes, exige que façamos algumas considerações sobre o processo de mobilização feminina desencadeada pelo governo Vargas, por meio da mobilização das enfermeiras. Para tanto, lembramos a assertiva de

Modapalavra E-periódico

Cytrynowicz (2000, p.102), para quem “A enfermagem, nos anos de guerra, no Rio de Janeiro e em São Paulo, tornou-se um importante fator de mobilização das mulheres”.

Ainda em consonância com o autor, a constituição da FEB (Força Expedicionária Brasileira) começou a ocorrer em julho de 1943, porém o envio das tropas deu-se a partir de julho de 1944. A mobilização das enfermeiras para a guerra iniciou-se antes da mobilização direta das tropas, com o objetivo de lutar na Europa, mas subordinada à mobilização do Estado Novo (CYTRYNOWICZ, 2000, p. 105).

Margarida Bernardes, Gertrudes Teixeira e Tânia Cristina Santos (2005) relataram os mecanismos engendrados pelo governo Vargas para a mobilização das enfermeiras. Na visão das autoras, a criação de um quadro de enfermeiras para atuar no cenário da guerra, juntamente com o efetivo da FEB, foi uma solicitação dos aliados norte-americanos, pois as enfermeiras norte-americanas estavam sobrecarregadas de serviço e havia também o problema que deviam enfrentar e que dizia respeito à língua dos futuros pacientes, os brasileiros¹.

Foram essas as motivações que levaram o governo brasileiro a desencadear, junto à população feminina, uma campanha em busca de voluntárias. A campanha de mobilização teve início em outubro de 1943 e foi realizada pela imprensa, por meio de chamadas dirigidas às mulheres. Para se candidatar, era necessário que as mulheres tivessem entre 18 e 36 anos, que fossem solteiras, viúvas ou separadas e que possuíssem qualquer diploma de enfermagem.

As voluntárias, posteriormente selecionadas pelo governo, participaram do Curso de Emergência de Enfermeiras da Reserva do Exército, ministrado pela Diretoria de Saúde do Exército, cujo objetivo era a formação do Quadro de Enfermagem. O curso foi realizado por meio de módulos de aprendizagem e compreendiam a parte teórica, a preparação física e a instrução militar.

Margarida Bernardes, Gertrudes Teixeira e Tânia Cristina Santos interpretam o curso para a preparação de enfermeiras, como uma

estratégia gerativa de práticas em conformidade com as estruturas objetivas do campo militar, mediante a absorção pelas candidatas de um ‘habitus’ militar, contribuindo para a padronização do comportamento dessas enfermeiras no Teatro de Operações (TO), na Itália (TEIXEIRA; SANTOS, 2005, online).

A disciplina militar orientou a preparação delas para o front. Na transformação dessas mulheres em enfermeiras, coube aos uniformes um papel importante na modelagem delas, o qual

Modapalavra E-periódico

pode ser dimensionado nesse registro de Camerino. Com o título “Ao meu uniforme”, a autora enuncia:

Foi no quartel general da 1ª. Divisão de Infantaria Divisionária, em maio de 1944. As enfermeiras que integrariam a Força Expedicionária Brasileira se apresentavam ao General Mascarenhas de Moraes, comandante da 1ª. D.I.E.

A cerimônia, que se realizou na sala de Comando, revestiu-se de solenidade, com os oficiais de gabinete do general formados ao seu lado e as enfermeiras que, em atitude militar, envergaram seu uniforme, apresentando-se para colaborar no esforço de guerra do Brasil, em além-mar. O general, depois de saudá-las, disse-lhes da impressão que lhe causara o excelente aspecto do uniforme que vestiam. Exaltou o relevante papel que lhes estava reservado; disse de sua admiração pela atitude da mulher brasileira, assim finalizando: **‘Honra este uniforme e guardai-o como se guarda um Uniforme Militar’**. Esta frase conservo-a na memória, guardo-o no coração (CAMERINO, 1983, p. 21, grifos nossos).

Na dedicatória de Camerino, que é uma memorialista da trajetória das enfermeiras nos anos de guerra, encontramos os sinais dos conceitos que foram incutidos nas enfermeiras em relação ao significado construído para o uniforme, no qual mesclam-se a disciplina militar e os valores, comportamentos e atitudes concebidos como apropriados ao seu uso. Desvelar esses aspectos é o nosso propósito neste trabalho.

4. A preparação física: os “macaquinhos”

No que se refere à mobilização e à preparação das enfermeiras, Camerino expõe:

Ao mesmo tempo em que se adestravam os rapazes da Força Expedicionária Brasileira, que defenderiam nos campos de batalha da Europa, com bravura e civismo, a honra e a causa de nossa Pátria, fortalecendo as nossas gloriosas tradições militares, outros trabalhos especiais de adestramento eram realizados com o fim de preparar uma turma de enfermeiras para completar a nossa expedição, oferecendo-lhes os modernos conhecimentos e recursos de guerra (CAMERINO, 1983, p. 32).

Conforme destaca Camerino, a preparação dos homens para a transformação em soldados da Força Expedicionária Brasileira foi acompanhada por outra, dirigida às mulheres, para transformá-las em enfermeiras, mediante o que autora chama de “trabalhos especiais de adestramento” e por meio do oferecimento de “modernos conhecimentos e recursos de guerra”.

Quanto à formação recebida para preparar essas mulheres com os conhecimentos de enfermagem, Camerino assinala que:

A parte profissional da enfermeira foi feita de acordo com os estágios nos hospitais e nas policlínicas militares, sendo a parte teórica ministrada em curso especial dirigido pelo Major-

Modapalavra E-periódico

médico Dr. Augusto Marques Torres, auxiliado por uma equipe de oficiais médicos, tudo sob a orientação da Diretora de Saúde do Exército. (CAMERINO, 1983, p. 32).

Aos conhecimentos técnicos de enfermagem associaram-se os de preparação física, que, em conformidade com a autora, aconteceu sob a direção da professora Íris Rodrigues Belo, da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, sendo que os exercícios físicos eram realizados na área de instrução da Escola de Educação Física do Exército e do Colégio Militar do Rio de Janeiro.

Quanto aos exercícios físicos, Camerino afirma que estes compreendiam:

a prática de marchas rastejantes em terrenos acidentados, subidas em escadas, passagem de traves e pórticos de grande altura, subida em cabos, escalada de elevações naturais e artificiais, transposição de valas e de grandes vãos com o auxílio de cordas, saltos em extensão e profundidade, corrida de velocidade de resistência e por lances, golpes de defesa pessoal, levantamento e transporte de fardo e feridos (CAMERINO, 1983, p.32).

A descrição completa-se com outra informação importante de que as mulheres receberam de Maria Lenk os treinos de natação.

A narrativa de Camerino ganha outros contornos quando inserida no quadro das concepções vigentes em 1944 no que diz respeito às atividades físicas apropriadas às mulheres. Silvana Vilodre Goellner (2003, p.73) expôs os conceitos que nortearam as práticas esportivas das mulheres no início do século XX por intermédio da análise da Revista Educação Physica, o primeiro periódico específico da área da Educação Física que circulou no país entre os professores da área, entre os anos 1932-1945. Segundo a autora, “a ginástica, a dança e a natação” eram aconselhadas ao organismo feminino porque os efeitos resultantes de sua prática “pouco prejudicam o seu desenvolvimento anatômico e fisiológico”, ressaltando, porém, que fossem praticados com moderação e cautela. De todas as práticas aconselhadas, a ginástica é que teria desfrutado de maior visibilidade nas páginas do periódico, tanto nos textos como nas imagens publicadas.

Ainda de acordo com Goellner (2003), as concepções em voga no início do século XX sobre as práticas apropriadas ao corpo feminino configuram-se como um projeto de mulher calcado nos princípios de que elas deveriam ser preparadas para serem belas, mães e femininas; portanto, havia um projeto ideológico e político na construção da mulher e de seus corpos que atravessou todo o período.

Modapalavra E-periódico

Particularmente com relação ao período da Segunda Guerra Mundial, “um sentimento de nacionalismo cresce nas páginas da Revista, incorporando à representação da mulher-mãe uma dimensão política bem específica”. Essa mudança teria originado um tipo de nascimento “da mãe-cívica”. Goellner (2003, p.72) explica que, “Diferentemente da mulher-mãe, a mãe cívica adquire voz. É ela quem fala, quem impõe normas e condutas, quem aconselha, quem incorpora o discurso oficial dos deveres e da fidelidade da pátria”.

Quando associamos as lembranças de Camerino acerca da preparação física das enfermeiras às reflexões de Goellner sobre as práticas esportivas nos anos iniciais do século XX, fica claro que os exercícios físicos a que as mulheres foram submetidas tinham um objetivo nítido de transformar seus corpos ao desempenho de suas funções cívicas de mães-cuidadoras da pátria no campo de batalha, para que tivessem as condições físicas necessárias para cuidar dos doentes, mortos e feridos.

No livro de Camerino também encontramos quatro fotografias retratando a “preparação física” das enfermeiras. Dessas fotos, selecionamos dois registros visuais para a análise e compreensão do significado adquirido pelo uniforme na construção da enfermagem e das enfermeiras de guerra.



Figuras 1 e 2

Selecionamos essas imagens fotográficas porque elas trazem os indícios de que foram divulgadas na imprensa – nos jornais – da época, participando, por conseguinte, da construção de

Modapalavra E-periódico

um ideal de mulher e de feminilidade que se fez presente no universo de representações sociais, visando à inserção feminina na guerra, particularmente das enfermeiras.

Notamos, na imagem, que as mulheres estão vestidas com a mesma roupa, sugerindo tratar-se do uniforme usado nos exercícios físicos. Elas estão sorridentes e não há nenhum indício do uso da força ou de que a execução do exercício exigisse força ou produzisse suor.

Os comentários de Goellner no tocante às construções das imagens do corpo das mulheres na Revista Educação Physica pode ser tomado como nosso fio condutor da análise das fotografias. A autora afirma que nas imagens: “as mulheres pulam, saltam, correm, jogam, dançam, exercitam o corpo como se não houvesse esforço físico nestas práticas. São elegantes, limpas, hígdas, sensuais, e, sobretudo, sorridentes. Alegres, esbanjam vitalidade e leveza”.

Do mesmo modo, as fotografias das futuras enfermeiras revelam mulheres em poses e atitudes que não denotam esforço, sofrimento, nem suor. Há alegria, vitalidade e leveza. Outra reflexão de Goellner acerca da exposição do corpo feminino na Revista, objeto de exame da autora, também se faz sentir nas fotografias da preparação física das enfermeiras. As mulheres eram fotografadas como se estivessem executando uma dança, ainda que estivessem paradas para que a foto fosse produzida. “Os gestos são coreografados e captados na artificialidade de um movimento que não existe quando registrados pela câmara fotográfica”. Conclui a autora: “A idéia de movimento é, portanto expressa pelo não movimento, fazendo crer a quem vê que as práticas corporais e esportivas proporcionavam beleza, saúde, harmonia, prazer e satisfação pessoal” (GOELLNER, 2003, p.141).

Entretanto, inquirimos: “O que os uniformes dizem das práticas que nortearam a preparação física das enfermeiras?” Podemos asseverar que os trajes usados pelas enfermeiras comunicam a educação dos corpos. Neste sentido, vale lembrar o que enuncia Carmem Soares (2004), para quem “a educação do corpo é intermediada por múltiplos saberes e práticas que vão da higiene às boas maneiras, dos banhos como limpeza às inúmeras pedagogias que trabalham no adestramento e na modelagem dos corpos”.

No adestramento e na modelagem das mulheres em enfermeiras, os trajes usados – os uniformes – tendem a “evidenciar as características mais atraentes do corpo, que são eleitas segundo valores estéticos compartilhados por um certo grupo social ou época” (CASTILHO, 2004, p.71). Os valores de beleza, feminilidade e maternidade inscrevem-se no uniforme. O “macaquinho” delinea o corpo feminino, revelando partes concebidas historicamente como

Modapalavra E-periódico

femininas, como o busto e as formas arredondadas, fazendo lembrar essa reflexão de Lurie, segundo a qual “O vestuário feminino, durante a maior parte da história europeia moderna, foi desenhado para sugerir a maternidade. Enfatizava os contornos redondos e generosos, os materiais macios e, tendia a centrar o interesse nos seios e estômago” (LURIE, 1997, p. 228).

Portanto, percebemos que o uniforme com o qual as enfermeiras foram retratadas nas práticas esportivas de exercícios físicos visava a prepará-las para o trabalho no *front*, e também como os valores presentes nos anos 1940 inscreveram-se nesse traje. No macaquinho desenha-se uma forma física que destacava o corpo feminino para indicar feminilidade, graça, beleza, leveza. Portanto, um corpo modelado para agir e atuar como enfermeiras, com os valores, conceitos e comportamentos de feminilidade preconizados pela época e que foram aplicados à enfermagem e às mulheres que a representavam.

Em síntese, no macaquinho dos exercícios físicos observamos um tipo de traje que se constituía em tendência na moda feminina, que ao ser empregado nas práticas esportivas das enfermeiras foram criadores de representações para a enfermagem, no sentido de indicar os valores, os comportamentos e os conceitos que deviam guiar suas preparações e suas atuações como “cuidadoras dos doentes”.

5. Os uniformes: balanço histórico da moda da enfermagem

Além dos uniformes usados pelas futuras enfermeiras na preparação física, outros tipos e estilos de indumentária participaram de suas trajetórias, exigindo-nos que algumas considerações sejam feitas acerca da história da enfermagem sob a perspectiva do vestuário.

Gisele da Silva Barbosa e Cléa Vaz Menezes (2004) revelam que a história da enfermagem pode ser analisada sob o foco da moda. Estas autoras atribuem o surgimento da enfermagem moderna, com seus fundamentos profissionais e tipo de indumentária, à Florence Nightingale. O entendimento das transformações introduzidas pela personagem na enfermagem e nas roupas levou-as a fazerem uma apresentação do percurso de Florence, sob o qual nos apoiamos para compreendermos as mudanças introduzidas no vestuário da enfermeira e nas articulações entre a profissionalização e indumentária.

Florence nasceu na cidade italiana de Florença, em 12 de maio de 1820; seus pais eram ingleses. Os relatos feitos para a personagem revelam que a tendência em cuidar dos outros

Modapalavra E-periódico

surgiu ainda em sua infância, ao dispensar cuidados aos animais doentes. Como uma mulher que vivia na Inglaterra, as roupas que usava eram aquelas ditadas pela moda da época – da burguesia vitoriana –, com seu estilo “fechado”, composto por vestidos sóbrios e de cores escuras”. Aos 31 anos de idade, Florence conseguiu a autorização dos pais para atuar na enfermagem. Em 1854, participou da Guerra da Criméia, para prestar assistência aos soldados. Foi nesse momento que sua atenção se voltou para equacionar questões relacionadas ao atendimento dos pacientes, inovando as concepções de tratamentos e cuidados de enfermagem, inclusive, opinando sobre as roupas apropriadas à função (BARBOSA;MENEZES, 2004).

Autora de vários trabalhos inovadores na área da saúde, Florence Nightingale abordou, na obra “Notes on Nursing” (Notas Sobre a Enfermagem), escrita em 1859, questões relacionadas à vestimenta feminina. No capítulo do livro intitulado “Ruídos” ela ressalta:

[...] uma enfermeira cuja vestimenta farfalha (falo de enfermeiras profissionais e não profissionais) torna-se um pavor para o paciente, ainda que ele não saiba porquê. O agitar da seda ou da crinolina, o chocalhar das chaves, o rangido de barbatanas e sapatos, fazem mais mal ao doente do que o bem que todos os remédios do mundo poderiam fazer-lhe. O andar silencioso da mulher e sua roupa silenciosa constituem meras figuras de retórica nestes dias. Suas saias, quando ela se movimenta, roçam por todos os objetos do quarto (muito bom se não derrubassem alguma peça do mobiliário) (NIGHTINGALE, 1989, p. 55 *apud* BARBOSA; MENEZES, 2004, p.52).

Ao analisarem esse fragmento, Barbosa e Menezes comentam alguns aspectos com os quais concordamos. Para as autoras, Nightingale assevera a necessidade de adequação das roupas ao trabalho:

A não adequação das roupas usadas pelas cuidadoras da época indicava a necessidade de maior praticidade relativa aos tecidos e estilo a serem adotados, mas, que ao mesmo tempo, evidenciasse que havia uma nova profissão emergindo e que deveria adquirir características próprias no vestir (BARBOSA; MENEZES, 2004, p. 52).

É nítida a relação entre profissionalização da enfermagem e indumentária apropriada aos cuidados da saúde. Um balanço sobre a vestimenta da enfermeira aponta que entre fins do século XIX e início do século XX (até mais ou menos a década de 1920), a indumentária era composta por um “vestido longo, com mangas também longas, de cor levemente acinzentada ou branca, e que já tinha sido abolido alguns artifícios para mantê-los armados” (BARBOSA; MENEZES, 2004, p. 53). Foi no início do século XX que o branco foi adotado como a cor das responsáveis pelo cuidado da saúde. Acompanhava a roupa o uso de alguns artifícios, tais como o “uso da touca acrescida de um véu, deixando que apenas um pouco do cabelo ficasse exposto” e o uso “de um broche”.

Modapalavra E-periódico

Miranda (1944) esclarece que “o uso de gorros que escondessem os cabelos” buscavam inibir qualquer conotação de apelo à sexualidade (MIRANDA, 1994, p. 154 *apud* BARBOSA; MENEZES, 2004, p. 54). Para Ellis e Hartley (1998, p. 45 *apud* BARBOSA; MENEZES, 2004, p. 54), o broche de enfermagem parece “datar do tempo das Cruzadas, quando os cruzados, marchando até Jerusalém, para reaver a Terra Sagrada, tiveram cruzes gravadas em suas cabeças ou no peito como símbolo de boa fortuna”.

Na década de 1920, as influências da moda repercutiram na indumentária da enfermeira. Seguindo, ainda, as reflexões de Barbosa e Menezes, os vestidos ganharam golas, enfeitadas com rendas e sem decotes. “A renda parecia apropriada para o uniforme de uma profissão que se apresentava ligada ao sexo feminino [...] “os pés, antes escondidos, agora já podiam ser mostrados”. Outra transformação dizia respeito às toucas, substituídas por “pequenas faixas, deixando o cabelo à mostra”.

Na década de 1930, as transformações na indumentária da enfermeira prosseguiram no compasso das tendências da moda feminina.

Os vestidos tinham saias semi-longas, em corte mais reto, que valorizavam as formas femininas. A cintura era bem marcada, geralmente por um cinto. Os uniformes não tinham mais demarcações de rendas nas golas e punhos, como as dos vestidos mais antigos”. Quanto a cor, era usado preferencialmente, o branco, as golas assumiram os contornos da masculina, mais afastadas do pescoço “como se ali fossem colocados alguns botões”. Os cabelos passaram a ser presos à nuca, com produtos fixadores e/ou grampos e para prendê-los era usado uma mescla de “touca-chapéu que não prendia os cabelos e era usada apenas com a função de identificação para as enfermeiras”(BARBOSA, MENEZES, 2004, p. 54).

Nos anos 1940, as influências das roupas militares na moda feminina também se fizeram observar na indumentária da enfermeira. Sobre o vestido que tinha mangas compridas e gola fechada, as enfermeiras usavam um sobretudo (ou capa), com abotoaduras na parte do busto, deixando aberta uma parte que dava a ver o vestido. “Esta capa era de tom azul escuro, cor predominante dos uniformes militares”. Vale destacar que essas capas eram usadas pelas enfermeiras para circularem pelas ruas entre idas e vindas dos locais de trabalho.

Para os anos 1950, algumas permanências são identificadas no vestuário da enfermeira. Sob o vestidos, que eram com corte “godê”, as “anáguas” serviam para dar volume à roupa, deixando-as meio rodadas. A cintura era marcada por cintos ou faixas que modelavam o corpo.

Sob o vestido branco, sem mangas e com gola V, usava-se uma camisa de cor cinza ou azul com o mesmo corte das golas do início do século XX, imitando as camisas masculinas com colarinho desabotoado. A touca/chapéu permaneceu prendendo os cabelos com coques, conforme vinha sendo usada nos anos anteriores. (BARBOSA; MENEZES, 2004, p.55).

Modapalavra E-periódico

Percebemos claramente que as mudanças nas concepções dos cuidados de enfermagem acompanharam as transformações na moda, ou seja, pelos uniformes das enfermeiras é possível observar os reflexos das tendências de vestuário naquele tipo de indumentária. A relação entre moda e uniformes e a produção de uma história da enfermagem com determinados modos de se vestir, de produzir o visual no atendimento aos doentes fica patente nos narrativas, as quais nos permitem essa síntese: a princípio, as enfermeiras enfrentaram dificuldades em relação a seus uniformes, pois eram inadequados para a profissão, por serem desconfortáveis e dificultarem algumas atividades. Com o passar das décadas, os uniformes foram se adaptando às tendências da indumentária feminina, valorizando mais o corpo da mulher, ganhando toques mais femininos e se adequando às necessidades da profissão.

Fica a pergunta: o que os uniformes das brasileiras contam sobre os estilos do período de Guerra?

6. Um desfile de moda dos uniformes

Um dos tipos e estilos de uniformes usados pelas enfermeiras, que são reveladores da indumentária usada pelas brasileiras nos anos da participação do Brasil no conflito mundial, pode ser identificado nessa imagem:



Figura 3

Modapalavra E-periódico

A fotografia foi publicada pela Revista ‘O Cruzeiro’ em 1944, com a seguinte identificação: “as enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira com seus uniformes de trabalho, desfilando pela Avenida Rio Branco, sob aplausos incessantes de uma grande multidão”.

Em 1944, ocasião do desfile e data do fragmento visual, objeto de nossa análise, as enfermeiras que desfilaram eram aquelas que estavam sendo preparadas pelo Exército. Portanto, trata-se de enfermeiras que haviam sido submetidas ao processo de seleção realizado pelo governo brasileiro para a formação do quadro de enfermeiras que seguiram para o *front*.



Figura 4

Quanto à indumentária, as enfermeiras usavam um vestido que, seguindo a tendência das cores empregadas pela enfermagem desde a década de 1920, era provavelmente branco, com corte acinturado, saia meio franzida, com bolsos. A definição da cor encontra-se sugerida pelo contraste de cores presentes na imagem fotográfica. Quanto ao tipo de corte da roupa, as golas fechavam bem próximo do pescoço e tinham mangas curtas. Os sapatos eram baixos e, embora as fotos sejam em preto e branco, sugerem que estes eram da mesma cor do vestido – branco – , justamente pelo contraste de cores existentes na imagem e a semelhança de nuance entre a roupa e os sapatos. Na cabeça, elas trazem as toucas/chapéu prendendo os cabelos, um complemento que marcou a história da indumentária da enfermagem.

O exame da fotografia, feita à guisa de balanço sobre o que podemos denominar como história da moda da enfermagem, nos possibilita afirmar que o uniforme seguia a tendência dos anos 1940. No entanto, é possível verificarmos, por meio de alguns detalhes, como as mangas curtas, uma adaptação do uniforme ao clima brasileiro. Foi no Rio de Janeiro que as enfermeiras

Modapalavra E-periódico

foram preparadas e o clima da cidade parece ter sido decisivo na definição das mangas curtas dos uniformes.

Esse uniforme, ao ser ostentado pelas enfermeiras em uma solenidade, um desfile cívico-patriótico na Avenida Rio Branco, conforme indica a legenda da imagem na Revista ‘O Cruzeiro’, traz consigo sinais importantes das concepções que orientaram a formação das enfermeiras que deviam guiar seu uso.

Neste sentido, nossa análise exige que nos reportemos às reflexões de Cytrynowicz (2000, p.115), o qual contempla o imaginário que se construiu em torno da enfermeira, como a imagem da pátria-mãe que estendia seus cuidados aos soldados, aliviando a dor e o sofrimento. Retomando a historiadora Françoise Thébaud, o autor pondera que a enfermeira, anjo e mãe, foi a personagem feminina mais louvada da guerra. Ainda segundo o autor, em junho de 1944, a Revista ‘Nação Armada’ publicou uma homenagem às enfermeiras da FEB: “valorosas moças que deixaram tudo – afetos, família, relações, prazeres e divertimentos -, para irem realizar, sob o fogo e a metralha, a divina missão da mulher: a caridade”. O aspecto para o qual Cytrynowicz chama a atenção é a construção de uma imagem/imaginário para a enfermeira como “anjo e mãe” e o significado que a participação delas teve para o processo de independência feminina.

Destarte, vale lembrar que nos anos 1940, conforme a historiografia feminina tem mostrado, ser esposa e mãe era o destino das mulheres, porque sua educação dirigia-se para os fins concebidos como naturais ao sexo feminino, ou seja, “o domínio da casa era geralmente o destino das moças, e para esse domínio deviam ser preparadas” (LOURO, 1997, p. 446).

As interpretações para a educação das mulheres naqueles anos mostram que o casamento, o cuidado do lar e dos filhos em atribuições concebidas como “naturais” ao feminino. No Brasil do início do século XX, os projetos educacionais e educativos foram norteados por princípios pedagógicos que visavam ressaltar as virtudes próprias da mulher e a sua missão de filha, mãe, esposa, educadora, o seu reinado no lar e o seu papel na escola, a sua ação em obras de caridade, o cultivo de qualidades de cooperação e ajuda com o outro sexo, o marido, o pai, na construção da pátria constituíam-se nas bases teórico-metodológicas que orientavam os projetos e as práticas educativas no país (SCHWARTZMAN; BOMENY; COSTA, 2000).

Apoiando-nos nas reflexões da história da educação, dirigida ao público feminino nos anos 1930 e 1940, podemos afirmar que as ações educativas empreendidas pelos cursos

Modapalavra E-periódico

preparatórios fornecidos pelo Exército para enviar as mulheres ao *front* italiano visavam a transformá-las em mães e anjos dos soldados, em suas protetoras e cuidadoras.

Foram esses princípios de feminilidade que nortearam a formação das enfermeiras, cujos sinais encontramos em vários detalhes dos uniformes, destacadamente na cor e nas toucas/chapéu que prendiam os cabelos.

Alison Lurie (1997, p.198) propõe que “na vida secular, o branco sempre representou a pureza e a inocência”. Referindo-se aos cabelos, Michelle Perrot (2007, p. 55) explica que ele compõe um importante capítulo na história das aparências dos sujeitos masculinos e femininos, acrescentando que “os cabelos são a mulher, a carne, a feminilidade, a tentação, a sedução, o pecado”.

Vestidas de branco, as enfermeiras encarnam, no corpo, a pureza; com a eliminação do cabelo, que é preso, apagam-se quaisquer vestígios da sexualidade e um dos símbolos da feminilidade. Deste modo, os uniformes e seus complementos, criam para a enfermeira a representação de uma mãe- anjo, pura e assexuada para cuidar dos homens no front de guerra.

7. Do “vestidão” ao vestuário das americanas

Os uniformes que deviam ser usados pelas enfermeiras no front italiano foram decididos por uma comissão da qual fizeram parte a esposa do Presidente da República, Darcy Vargas, e Santinha Dutra.

As lembranças das enfermeiras permitem conhecer aspectos do uniforme cedidos pelo governo brasileiro e como foram recebidos e interpretados por aquelas que deviam usá-los. As recordações de Bertha Moraes revelam o seguinte:

resolveram um uniforme horroroso, pano de algodão cor cinza escuro, um vestidão solto, uns bolsos [...] parecia espantalho de arrozal [...] um triângulo daquele mesmo pano para amarrar na cabeça [...] assim como lavadeira, faxineira [...] a primeira vez que eu vesti, tive vontade de morrer [...] por sorte [...] eles nos deram os uniformes das enfermeiras americanas [...] uniforme só de trabalho [...] nós não saíamos do recinto do hospital com aquela roupa, que era um vestido aberto [...] transpassado [...] (Enfermeira Bertha Moraes *apud* BERNARDES; LOPES; SANTOS, 2005, p. 317).

O adjetivo usado, “horroroso”, antecede a descrição, feita nos seguintes termos: um “vestidão solto”, “com bolsos”, confeccionados em algodão cinza escuro, acompanhado por “um triângulo do mesmo pano para amarrar na cabeça”.

Modapalavra E-periódico

A comparação do acessório com aquele usado pelas “lavadeiras” e “faxineiras” parece demonstrar o desconforto que a roupa gerou entre as enfermeiras e a crítica ao descaso como o governo brasileiro tratou as mulheres que se dispuseram a deixar para trás a família, a vida normal no país, para se doarem às causas do governo, no cuidado dos soldados.

Importa destacar também que a maneira como o uniforme criado pelo governo brasileiro repercutiu entre as brasileiras no *front* foi decisivo na composição da memória do vestuário, porque nenhuma fotografia da indumentária que as enfermeiras se recordam e criticam foi encontrada no material consultado. O fato de não haver registros pode ser tomado como indício da falta de interesse das protagonistas da história em documentar e lembrar daquela roupa.

Em contraste, os uniformes cedidos pelas norte-americanas para ser usado pelas brasileiras foram geradores de imagens e narrativas como essas:



Figura 5

“Essa foto foi publicada no jornal ‘Tribuna Popular’ do Rio de Janeiro, datado de 18 de julho de 1945”. O referido fragmento visual foi gerador de lembranças como essas:

[...] eu gostava dele [o uniforme] [...] foi usado durante o verão [...] era transpassado na frente, amarrado atrás, sem botões, de tecido listado [...] fácil de vestir e tirar [...] muito prático para trabalhar [...] acompanhando-o tinha um casaquinho de malha de tricô bege de uso facultativo [...] os sapatos americanos eram marrons e mais confortáveis do que os nossos [...] foi versátil (Enfermeira Hilda Ribeiro apud BERNARDES; LOPES, SANTOS, 2005, p. 318).

Modapalavra E-periódico

Eis os contornos do uniforme, conforme recordado por Hilda Ribeiro: de tecido listrado, transpassado na frente e amarrado atrás e sem botões, o qual era acompanhado por um casaquinho bege, de tricot. Essa fotografia, publicada no trabalho de Camerino, permite uma aproximação com o uniforme narrado pelas imagens e palavras das enfermeiras.



Figura 6

“Enfermeiras do 45 th General Hospital – Nápoles. A partir da esquerda: Nair, Soares, Edith, Roselys e Isabel (CAMERINO, 1983, p.78).

Não há como deixar de notar as mudanças que foram introduzidas no uniforme das enfermeiras. Se, historicamente, o branco havia sido a cor definida como padrão dos cuidados da saúde e, se, conforme vimos, no período da preparação das enfermeiras o vestido branco deu o tom da indumentária (segundo indica a fotografia do desfile na Avenida Rio Branco e a fotografia das socorristas samaritanas da LBA), os depoimentos trazem outra cartela de cores. O uniforme cedido era cinza; o das norte-americanas, listrado. Embora, nesse caso, não haja recordações das cores do listrado, fica patente que não era totalmente branco ou que ele era um dos matizes da cor. O bege do casaquinho junto com as outras cores compõe um universo de tonalidades que podem ser interpretados à guisa do que escreveu Lurie sobre a comunicabilidade das cores. Sobre o cinza, a autora afirma:

o cinza, que não é nem branco, nem preto, mas uma combinação desses dois opostos, é uma cor ambígua, indefinida. Sugere névoa, neblina, fumaça, crepúsculo – condições que borram cores. A roupa toda cinza pode indicar um indivíduo discreto, reservado, alguém que prefere não ser notado ou que, independentemente de sua vontade, incorpora-se ao fundo, como acontece com Lily Briscoe em ‘Para o farol’, de Virginia Woolf, quando uma garota alegre e bonita entra no cômodo. ‘Ela murchou...’, relata o narrador, ‘tornou-se mais indiscernível que nunca, em seu vestidinho cinza (LURIE, 1997, p. 206).

Quanto ao bege, outra cor que de algum modo compôs o guarda-roupa das enfermeiras, Lurie discorre:

Modapalavra E-periódico

O marrom bem claro – castanho ou bege – é a mais neutra das cores, a menos comunicativa.[...] As pessoas que preferem esconder suas emoções, ou devem fazê-lo por razões profissionais, freqüentemente usam trajes inteiramente castanhos ou bege, às vezes com um acréscimo do cinza convencional. (LURIE, 1997, p. 216).

Com base nas análises das cores feitas por Lurie, é possível enunciar que o cinza e o bege são cores opacas, neutras, sem expressividade. Considerando o uso dessas cores pelas enfermeiras nos anos de guerra, fica implícita a maneira pela qual o conflito mundial ditou moda na composição dos uniformes. No lugar do branco da paz, as mulheres passaram a usar cores tristes, sombrias, de acordo com o espírito daquele tempo.

Considerando, também, que elas deveriam ser os “anjos e mães” dos soldados no *front*, percebemos que o uso do cinza e do bege (bem como as outras cores que compunham o listrado dos vestidos cedidos pelas americanas), os uniformes, em suas diversas composições, criavam figuras que chamavam pouca atenção sobre si mesmas: enfermeiras sem cor e sem sinais de alegria e sensualidade, transmitidas por outras cores.

8. As calças compridas nos anos 40? Uma novidade do front

As fotografias das enfermeiras no *front* evidenciam outros tipos e estilos de uniformes, como, por exemplo, o uso de calças compridas:

Modapalavra E-periódico



Localização: 5ª Seção do CML, Subseção de Áudio-Visuais



Figuras 7 e 8

A primeira fotografia tem essa descrição:

ao centro a enfermeira Antonieta Ferreira em visível esforço físico, observado pela posição do corpo, segurando com as mãos uma pá com neve, procurando removê-la. O uniforme que veste é aparentemente de lã, com mangas e calças compridas. Está calçando botas de cano longo, tendo suas mãos protegidas por luvas. À esquerda da foto aparece metade do corpo de uma pessoa, provavelmente um militar por estar usando as mesmas calças e botas. Ao seu lado esquerdo, observa-se uma estaca de madeira de barraca. O chão está coberto de neve (BERNARDES; SANTOS; LOPES, 2005).

A segunda tem essa narrativa: “Enfermeiras do 45th General Hospital – Nápoles. A partir da esquerda Nair, Soares, Edith, Carlota, Roselys e Isabel” (CAMERINO, 1983, p. 78).

Modapalavra E-periódico

Em linhas gerais, as fotografias e as narrativas que a acompanham mostram as enfermeiras usando calças compridas no trabalho do *front* italiano. A explicação para o uso desse tipo de roupa é claro: o frio foi o propulsor de um modo de vestir-se.

No entanto, expomos algumas considerações acerca desse tipo de uniforme. Os estudos de moda têm mostrado que nos anos 1940 as calças compridas não eram roupas apropriadas às mulheres.

Diana Crane (2006, p. 228) mapeia o uso desse traje pelas mulheres afirmando que “o uso de calças era particularmente controverso no século XIX, pois a ideologia da época estipulava identidades de gênero fixas e enormes diferenças – físicas, psicológicas e intelectuais – entre homens e mulheres”.

Ainda de acordo com a autora, no final do século XIX, as feministas começaram a lutar por reformas no vestuário. Na Inglaterra, em 1892 e 1893, as reformadoras do vestuário organizaram um “Simpósio sobre vestuário”, no qual apresentaram três modelos de traje que incluía saia-calça e ou calça (CRANE, 2006, p. 230).

Entre finais do século XIX e início do XX, as saias-calças e as calças começaram a participar da indumentária feminina como roupas apropriadas para as atividades esportivas e os exercícios físicos.

No entanto, de acordo com Crane (2006, p.246), o uso de calças compridas ou outros itens do vestuário masculino era uma prática comum entre as operárias que trabalhavam em minas de carvão, no campo e no litoral. Ressalva a autora: “Historiadores da indumentária documentaram o uso de calças e calções na altura dos joelhos, bem como chapéus e casacos masculinos, por mulheres inglesas da classe operária durante séculos”.

No Brasil, ao abordar a moda dos anos 1929-1945, Moutinho e Teixeira (2005, p.110) apresentam esse balanço sobre o uso de calças compridas, atrelando o traje aos esportes ou às práticas esportivas. “O short começa a se impor, e as mulheres usam cada vez mais calças compridas com chapelões de pano ou de palha. Para esqui, as calças eram mais justas; para velejar, largas, antecipando a moda boca-de-sino”.

Inseridas estas reflexões, fica patente, nas imagens fotográficas das enfermeiras com calças compridas, a maneira pela qual um tipo de traje transformou-se em um dos estilos de uniformes usados por elas no *front* em razão do frio, mas também de um modo de se vestir que dota a cobertura do corpo com roupas designativas de práticas esportivas. Ou seja, naquele

Modapalavra E-periódico

momento, o uniforme passou a informar como o traje do esporte foi incorporado à moda da enfermagem, transformando-se em indumentária para o trabalho.

Portanto, as calças compridas dos uniformes das enfermeiras não rompiam com os liames de gênero, mas inseriam-se no campo das representações das enfermeiras como personagens que usavam as roupas para trabalhar em prol dos homens, reafirmando-se, assim, os papéis de uns e outros no *front*: homens com calças que lutam, mulheres com calças para cuidar.

9. Considerações finais

Neste trabalho tivemos por objetivo deslindar as articulações entre educação e moda por intermédio da análise dos uniformes das enfermeiras nos anos da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial (1942-1945).

Dos resultados obtidos alguns pontos merecem destaque: a) que os conceitos de feminilidade que orientavam a educação das mulheres e a moda feminina ressonaram nos uniformes de múltiplas formas, evidenciando que eles foram construtores das representações sobre corpo, comportamento, atitudes, valores os quais guiaram a atuação delas como enfermeiras do Brasil; b) que os uniformes que compõem a trajetória da enfermagem na Guerra revelam como os conceitos de doação, de altruísmo, de dedicação ao próximo, concebidos historicamente como inerentes ao sexo feminino foram apropriados para modelar o corpo e a alma das mulheres, formando e vestindo enfermeiras prontas para serem mães-cuidadoras dos soldados, como representantes das mães da pátria no *front*; c) que a relação entre vestuário e comportamento, como categorias de educação e de moda, registram-se nos uniformes, conformando-lhes aparências de mulheres cuidadoras dos homens, portanto, femininas, educadas, delicadas, higiênicas, puras, assexuadas.

Modapalavra E-periódico

Referências Bibliográficas

ANDRADE, S. S.. Mídia impressa e educação dos corpos femininos. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs.). *Corpo, Gênero e Sexualidade*. Um debate contemporâneo na educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

BARBOSA, G. S.; MENEZES, C. V. A influência da moda na evolução da vestimenta da enfermeira. *Logos*, Canoas, RS, v.15, n.1, p.47-56, dez.2004. Disponível em: <<http://www.editoradaulbra.com.br/catalogo/periodico/pdf/periodico7.pdf>>. Acesso em: nov. 2007.

BARTHES, R. *A câmara clara*. Notas sobre fotografia. RJ: Nova Fronteira, 1988.

BERNARDES, M. M. R.; LOPES, G. T.; SANTOS, T. C. F. O cotidiano das enfermeiras do exército na força expedicionária brasileira (FEB) no teatro de operações da 2ª Guerra Mundial, na Itália (1942-1945). *Revista Latino-Americana de Enfermagem*. Ribeirão Preto, v.13 n.3, maio/jun.2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692005000300005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 nov. 2006.

CAMERINO, O. A. *A mulher brasileira na Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Capemi, 1983.

CASTILHO, K.. *Moda e linguagem*. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2004.

CRAIK, J.. A política cultural do uniforme. *Fashion Theory*, v.2, n.2, p.5-26, jun.2003.

CRANE, D. *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*. São Paulo: Senac, 2006.

CYTRYNOWICZ, R. *Guerra sem Guerra*. A mobilização em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Geração Editorial: Editora Universidade de São Paulo, 2000.

GOELLNER, S. V.. *Bela, maternal de feminina*. Imagens da mulher na Revista Educação Física. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2003.

LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, M. D. (Org.) *História das mulheres no Brasil*. 2 ed. SP: Contexto, 1997, p. 443-481.

LURIE, A. *A linguagem das roupas*. RJ: Rocco, 1997.

MOUTINHO, M.R.; TEIXEIRA, Máslova. *A moda no século XX*. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2005.

PERROT, M.. *Minha história das mulheres*. Trad. Ângela M.S.Corrêa. São Paulo: Contexto, 2007.

REVISTA O cruzeiro, 1944.

Modapalavra E-periódico

SCHWARTZMAN; S.; BOMENY, H. M. B.; COSTA, V. M. R. *Tempos de Capanema*. SP: Paz e Terra, 2000.

SIMILI, I. G. Mulher e política: a trajetória da primeira-dama Darcy Vargas (1930-1945). São Paulo: Edunesp, 2008.

SOARES, C. L.. Pedagogias do corpo. *Labrys*. Estudos feministas, Brasília, n.4, ago./dez. 2004. Disponível em: www.unb.br/ih/his/gefem. Acesso em 10/08/2007.

Data de Recebimento: 05/11/2009

Data de Aceitação: 25/05/2010